

RECADO DE PARIS

PARIS, fevereiro — Jules Michelet morreu em 1874. Depois de sua morte, a mulher com quem se casara em segundas núpcias, Mia'aret, publicou dois livros seus, "Ma jeunesse" e "Mon journal". Mas a viuva não publicou o diário do grande historiador tal qual éle o deixara. O manuscrito ficou em mãos de Gabriel Monod, que, depois de lê-lo, disse: "Nunca ninguém falou da própria vida amorosa e sexual com tanto liberdade". E fez presente do "Diário" à Academia Francesa, para que ela o publicasse em 1950.

1950 chegou... mas a Academia não tem coragem. Parece ser excessivamente forte a herança do antigo professor de História e... Moral do Collège de France. Uma comissão de sete acadêmicos está encarregada de ler a coisa com atenção e propôr a supressão dos trechos mais "violentos" — ou talvez deixar tudo para os acadêmicos do ano 2.000 publicarem, se quiserem...

Um dos homens que leu o "Diário" fez confissões a um reporter:

"O que o "Diário" tem de mais horrível são as mutilações. A segunda mulher de Michelet, depois da morte d'este, armou-se de uma tesoura e cortou tôdas as passagens em que o ilustre historiador falava dos encantos de sua primeira esposa. Esse crime retrospectivo nos priva de detalhes sobre uma parte importante da vida de Michelet".

Nota: Michelet casou-se pela segunda vez aos 51 anos com uma jovem de 23. Mas o reporter disse que ouvira dizer qualquer coisa sobre um Anjo Negro.

— "Ah, sim. Michelet certas noites era dominado por um Anjo Negro que o levava a procurar as cozinhas e cozinheiras. E éle descreve êsses seus amores ancilares com uma precisão de historiador. Fala de sua criada Pauline e de outras... Mas faz questão de explicar que êsse seu gosto tinha uma origem política. Como era democrata e democrata conseqüente, achava que devia amar as filhas do povo...".

Como se vê, o Anjo Negro — bem menos feroz, de resto, que o do nosso Nelson Rodrigues, era, no fundo, a Democracia.

Mas o autor da "História da Revolução" deixou, em sua vida, muitos exemplos de espírito humanitário e coragem democrática. Era um homem de luta, intrepido e magnífico, que não temia nem os poderes da Terra nem os do Céu. É portanto melhor que se não publiquem agora essas suas memórias. Muitos de nossos "democratas" iriam seguir seu exemplo ilustre — justamente nesse detalhe...

14.3.50

R. B.